PQ 6561
.R55 P6
Copy 1

POESIAS

DE D. LUIS RIVERA.

POESIAS

DE

D. LUIS RIVERA.

LISBOA,
EDITOR — S. J. Ribeiro de Sá.
TYPOGRAPHIA DA REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE
Rua dos Fanqueiros n.º 82.

1850

PQ6561
R55P6

387270
'29

LC Control Number
tmp96 031372

AMK Oct. 5/32

DO EDITOR.

Estamos perto da Hespanha, e não a conhecemos.

A raia é como um deserto immenso que divide a Peninsula em duas partes, que o pensamento e os interesses aproximam; mas que vivem afastadas, com grave prejuiso de ambos os povos.

As espadas que se encruzaram em Montes Claros e Aljubarrota foram o reagente que em batalhas sanguinolentas decompoz por meio de uma dolorosa analyse, os elementos que unidos constituiam a parte mais respeitavel da Europa.

Deixemos intacta a questão do territorio, que essas espadas dividiram.

Respeitemos, mas esqueçamos o sangue que se derramou para traçar a linha que nos separa da Hespanha.

A missão do presente é mais elevada e mais santa do que a propaganda da guerra, que o passado inaugurára na frente de seus exercitos. A synthese que deve unir, para a obra da civilisação, os interesses de dois povos, tem de ser obra do pensamento.

A litteratura portugueza em Hespanha não passa para além de Camões.

A litteratura hespanhola em Portugal parou em Cervantes.

É mister que o vôo do pensamento passe rapido sobre o abysmo que nos separa.

Quando Zorrilla pulsar a lyra á sombra das arcadas mouriscas da Hespanha, as harmonias de seus cantos devem-se ouvir para logo nas margens do Tejo.

Queremos tambem que os folguedos castelhanos sejam interrompidos muitas vezes para se ouvirem repetir as endeixas dos poetas nascidos na terra onde a misera Ignez foi morta pelo amor, e a famosa Beatriz teve o nome escripto na historia pela penna saudosa de Bernardim, e onde Camões immortalisou nos

seus cantos eternos o nome da mulher que só a elle deve a nobreza da posteridade, mais valiosa e verdadeira do que a herdada de seus antepassados.

E' grandiosa a obra a que se referem nossos desejos. Talvez não a completem duas gerações de operarios.

Nós queremos pelo menos levar algumas pedras para o alicerce que apenas se está começando.

Tendo passado por Lisboa o sr. D. Luiz Rivera, poeta já conhecido em Madrid por algumas poesias lyricas e obras dramaticas, sendo entre estas para notar — *El amor à la moda* representada no Theatro da Comedia, as suas poesias foram estimadas por bastantes pessoas de apurado gosto.

A poesia lyrica do moço poeta hespanhol tem uma gravidade que sabe captivar a attenção, e apresenta o estro tão perfumado pelas tristuras do coração, que a alma vê-se naquelle espelho em que a par da gloria guerreira da Hespanha, e das recordações dos seus tempos arabes, figuram os sentimentos intimos que fervem no coração do poeta, e que a harmonia do metro revela

ao mundo, só escondidos pelo diaphano veo de um mysterio de amor ou de saudade. Quasi todos os jornaes portuguezes, politicos e litterarios, publicaram poesias do Sr. Rivera: algumas foram traduzidas. O acolhimento que tiveram nos levou a tomar a resolução de publicar em um volume, não só as publicadas, mas muitas outras ineditas.

A edição de um livro hespanhol feita em Lisboa parece-nos um facto interessante, e bem differente do que significavam no tempo dos Filippes e de D. João V edições similhantes. Não é a força que domina, nem a lingua que se abastarda, são os interesses de duas litteraturas que nós queremos começar a unir por meios desta natureza.

Não engrandecemos o elogio do Sr. Rivera, porque o leitores completarão gostoso o esboço que mal deixamos traçado quando o estro do poeta lhes elevar o pensamento, ou quando a sua inspiração os obrigar a orvalhar com lagrimas as flôres que neste volume se juntam como outras tantas recordações que o auctor nos deixa do tempo que esteve em Lisboa.

Com satisfação publicamos este livro, por

que assim concorremos para realisar as ideas que exposemos nas primeiras linhas que ficam escriptas, e que se dirigem para o futuro sem renegar do passado. Quanto a nós a Hespanha e Portugal não podem continuar a viver como até hoje, sem que um paiz se interesse na civilisação do outro.

Respeitemos e defendamos as nacionalidades, mas assim como ajoelhamos irmãos pelo baptismo ante o symbolo da nossa commum crença religiosa, abracemo-nos tambem como irmãos ante a imprensa symbolo da regeneração economica e litteraria dos povos.

Lisboa 20 de Abril de 1850.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

DOS PALABRAS.

Segun la opinion de un célebre publicista francés, el artista no debe procurar en sus obras otra cualidad que la de la belleza. La Estética es la verdadera ciencia del genio — lo *bello* es el conjunto maravilloso de todas las perfecciones del arte. Pero nuestro siglo es mas exigente; cuando um libro se nos presenta, preguntamos en seguida si nos enseña alguna cosa. ¡Y qué difícil es que el poeta sostenga ese admirable equilibrio entre la Estética y los productos interesados que el mundo egoista pretende sacar de sus inspiraciones!

Yo no aspiro á tanto.

Al escribir estas poesías, he obedecido solamente los impulsos de mi corazon. Será

este el rumbo que debe seguir la lírica moderna? Desde Osian hasta el autor de Enrique VIII, desde Homero hasta la reforma alemana puede decirse que la poesía conservaba un carácter que de entonces acá ha variado no solamente en la forma, muchas veces en la esencia. Somos mas individualistas.

Pero en la grandeza de este individualismo no creen aun todos. « El poeta canta su corazon, dicen algunos, canta para él solo » y se engañan. La oracion de Lamartine es el consuelo de todas las almas generosas, la escéptica amargura de Fausto devora todos los corazones, y no commueve menos á la humanidad la desperacion de Byron que la soberbia creacion del demonio de Milton.

Yo, sim embargo, no he escrito lo que he debido sino lo que he podido. Acaso mis poesías no sirvan mas que para indicar-me el camino que debo seguir en adelante.

Por lo demas, me es indiferente publicarlas en Madrid que en Lisboa. Creo que mi patria limita por todas partes con el oceano escepto por los Pirineos.

LUIS RIVERA.

POESIAS DE D. LUIZ RIVERA.

LA BANDERA.

A mi amigo Mendes Leal.

Como el roble en la montaña,
Firme, descansa en mi brazo;
El honor es nuestro lazo....
Unidos... hasta morir.
Rota estás! asi te quiero!
¡Balancéate en la esfera!
Que un giron de mi bandera
Es la gloria para mi.

¡ Cuántas veces, prenda mia,
Entre el fuego y la metralla
De la encendida batalla,
Cuántas veces te abracé!
Y otras tantas, ya perdida,
El enemigo triunfante
Te llevaba, y yo, arrogante,
De sus manos te arranqué.

Con mi sangre estás teñida,
Mis lágrimas te han mojado,
Mis triunfos has presenciado
Y has endulzado mi afan.
El humo de los cañones
Enegreció tus colores,
Y esos oscuros vapores
Honrosa vista te dan.

Otros, por mezquino empleo,
Desiertan de nuestras filas;
Pero tú nunca vacilas,
Firme siempre, como yo.
Tú, mi eterna camarada,
No haces traicion á la mano.
Cumples como el veterano
Que gloria ó muerte juró.

A la voz de « guerra á muerte »
Flotas, ligera, en el viento,
Libre, como el pensamiento;
Soberbia, como Luzbel.
Y tendida, con orgullo,
Arcángel de las tinieblas,
Te mueves, y el campo pueblas
De ayes y muerte cruel.

Vencistes! Y, vencedora,
Arropastes al vencido,
Sin pararte en lo escojido
Del enemigo botin.
Tú siempre, al guerrero unida,
Fuiste leal, mi bandera;
Flotas, por eso, altanera
Sobre ese espacio sin fin.

Rota, al ver esos pedazos
El alma ardiente se inflama....
Oh! cada uno es un drama
Y cada mancha un laurel.
Ven, reposemos tranquilos
Bajo el sol de nuestra tierra,
Mientras nos deja la guerra
Descansar, bandera fiel.

Cuando mi prostrer aliento
Lance á la patria oprimida,
Tú, rota y descolorida,
Grande sobre mi caerás.
A mis buenos camaradas
Le recordarás mi historia,
Y, á la sombra de tu gloria,
Con mi gloria dormirás.

EL HIJO DEL DESIERTO. *

ORIENTAL.

Suelto en el aire el albornoz cumplido,
Sobre un caballo á todo galopar,
Cruza la arena del desierto ardido
Ultimo descendiente de Alamar.

* Publicamos em seguida a peça poetica, com que nos brindou o poeta hespanhol, de que já nesta folha fallámos, Sr. D. Luiz Rivera. Estampamol-a com duplicada satisfação, porque é mais uma abonação, pratica e irrecusavel, ao que delle escrevemos, e porque nos mostra, por um novo aspecto, a amena variedade do seu apreciavel talento. Posto que n'um reflexo palido, a traducção da poesia *Açucena*, do mesmo auctor, que ha tempos inserimos, poderia dar uma tal ou qual idéa dos mimos, do viço e frescor do original. Agora é nas pomposas galas do idioma patrio do poeta, que temos o gosto de o revelar. Agora é uma phantasia desatada, cor

Vedlo! — qué hermoso! — su morena frente
Relumbra como llama de un volcan;
Lleva un incendio en su mirada ardiente,
Lleva en su corazon la fé de Islan.

Suelta la brida y el turbante suelto,
Gallardo sobre el bárbaro corcel,
Mas que la palma de Almaid esbelto,
Rápido pasa el atrevido infiel.

Jóven de Arabia, intrépida figura,
Camino avanza del *Estrecho* ya;
Dióle Allat á su cuerpo la hermosura
Y amor y glorias que soñando va.

Llega á la orilla de la mar bravía
Y allí suspira, y se detiene allí;
Dirije sua mirada á Andalucía,
Y torna á suspirar, y dice así: —

rendo soberba e magnifica dos areaes do Sahara aos jardins do Generalife; chorando as grandezas de uma geração cahida, e reverberando em cheio o sol d'Africa com os olhos nas margens esmaltadas do Guadalquivir. É o ultimo descendente dos Almohades ou dos Almoravides que sauda de passagem os mipanretes desfigurados das cidades gloriosas, erguidos pelas mãos dos seus maiores, e vae depois sumir-se nas solidões infinitas do deserto.

Não é um artigo passageiro occasião propria de dar ao Sr. Luiz Rivera um testimunho da estima e consideração, que temos pelo seu distincto talento: seria para mais longa analyse. Remataremos, com tudo, fazendo notar que, atravez do scintillar e faiscar de uma poesia deste genero, penetra — quasi que estamos tentados a dizer transsuda — aquella mesma sensibilidade melancholica que no original da Açucena admirámos, e que forma o caracter distinctivo do genio do moço poeta.

(Lei n.º 171.)

« Poética Andalucía,
Tierra de todos mis sueños,
Por tus pensiles risueños
Se tiende mi fantasía.
—¡ Espacios al alma mia,
Dedle espacio á mi ilusion, —
Vuela, vuela, corazon,
Por esa esfera encantada,
Que alli te espera Granada,
Y es Granada tu mansion. »

« Granada! Ciudad querida
De tantas lides y amores....
¿ En dónde están tus señores,
Dónde tu tropa aguerrida?
Está la Alhambra dormida....
Férreo yugo la sugeta....
Ya tu muchedumbre inquieta
Perdió su fiesta adorada,
Porque la luz de Granada
Era la luz del Profeta. »

« Canta al son de tus cadenas
Tu malhadada fortuna,
Por que ya la media luna
Na flota por tus almenas.
Canta, Granada, tus penas,
Tus recuerdos, tus amores,
Sobre ese campo de flores —
Canta, canta tus pesares,
Y arrulla con tus cantares
El sueño de tus señores. »

« Desde esta cercana orilla
Contemplo el cielo Andaluz,
Donde entre rayos de luz
La luz de tu gloria brilla.
Granada, Jaen, Sevilla!
Tierra de tanta hermosura!
De esos siglos de ventura
No conservais la memoria?
O, acaso, de tanta gloria
Sois horrenda sepultura? »

« Ay, si! porque ya se hundió
La raza que te dió ser. —
La estrella de tu poder
En el cielo se nubló!
En vano mi voz llamó
Mi gente al combate incierto. —
¡ Ninguno estaba despierto!
Y á mi guerrera cancion
El rugido del leon
Respondiera en el desierto. »

« ¡ Despierta, raza maldita,
Mala suerte te dé Allat!
¿ Porqué asi abandonas ya
Tu mas hermosa mezquita?
Mísera, triste, proscrita,
Pueblo errante y vagabundo,
Yaces en sueño profundo
Mientras tu patria te llora,
Patria que fué la señora,
Señora de medio mundo! »

« Adios, pues, Andalucía,
Tierra de todos mis sueños;
Adios pensiles risueños
De tanto amor y alegria. —
Canta tu pena y la mia,
Canta, canta á tu señor,
Mientras pide mi dolor
Para humedecer la tierra.
Una lágrima de guerra
Y otra lágrima de amor. »

Tornó otra vez á suspirar el moro,
Miró la mar con altivez tranquila,
Y al derramar enardecido lloro,
Satánica brillaba su pupila.

Sus nieblas va la noche amontonando,
Sintió la espuela el volador corcel,
Y — para siempre! — al pronunciar llorando
Entre las sombras se perdió el infiel.

A UNA AZUCENA.

Fué! — Ya ni aliento ni vida. . . —
Y era la flor de mis glorias. . . —
A la luz de sus memorias
Pulsa mi mano el laud.
Mas si el alma dolorida
Lanza al espacio algun eco,
Solo retumba en el hueco
De su marmóreo ataud.

La vi y la amé! — Entre mis brazos
Estreché su seno ardiente,
Y un beso estampé en su frente,
Y otro despues y otros mil. —
¡Ya no hay fiestas en el valle
Ni alegría en la montaña...
Desierta está la campaña
Y sin rosas el pensil.

Tú sola, blanca azucena,
Vienes á encantar el alma,
Del que ha perdido la calma
Perdiendo el feliz amor.
Lánguida como la luna,
No prestas tú la alegría;
Solo halla en ti el alma mia
El eco de su dolor.

Alva flor de la esperanza,
Dulce alibio del que llora,
Ven! .. mi corazon te adora,
Te busca con frenesí.
¡Tú... la reina del crepúsculo...
No tienes luz ni hermosura;
Mas yo quiero tu tristura
Y el candor que vive en ti.

No envidies, pobre azucena...
Deja que adorne la rosa
La frente de alguna hermosa
En medio la bacanal. —
Déjala! — tal vez mañana
Venga a llorar su delirio,
Recordando, en su martirio,
Tu tristeza celestial.

Poco del mundo sabemos
Cuando en el mundo soñamos
Que para siempre adoramos
Lo que espira en *el ayer*. —
Todo pasa! — Solo queda
Del amor para memoria,
Un desengaño por gloria
Y un recuerdo por placer.

Harpa de las cuerdas rotas
Es el alma del poeta,
Al entusiasmo sujeta,
Sujeta siempre al dolor. —
¿Qué es la inspiracion? — Un sueño
Que al estúpido divierte. . .
— ¡Canta el poeta la muerte
Y es su cántico una flor! —

Adios! — Te amé hasta la tumba. . .
Te di lo que nos da el mundo. —
Si algun suspiro profundo
Llega de ella hasta el dintel;
Es una blanca azucena
Que llora alli mi desvelo,
Mientras yo busco en el suelo
Un aplauso y un laurel.

Oporto 15 de Noviembre.

EL CANTO DE LA MADRUGADA.

Para ponerlo en música mi amigo Lopez Rojo.

Desciende vaporosa
La luz de la mañana;
Tiñendo va de púrpura
Los campos y la mar.
Y tú duermes tranquila!..
Suspiro y no me escuchas! —
¡Despierta, vírgen púdica,
Te quiero ver y amar!

La brisa que murmura,
La aurora que amanece,
Y hasta la rosa lánguida
Cantando van mi amor.
Tú sola á mis lamentos
Ingrata no respondes...—
Despierta, virgen púdica,
Despierta, linda flor!

Toda la noche fria
Pasé por tus amores
En esperanza plácida
Y en dulce delirar.
Cruel!—y asi me dejas
Tan triste y dolorido!—
¡Despierta, virgen púdica,
Te quiero ver y amar!

No hay sombra en la espesura,
La luna no riela
Sobre la ardiente lágrima
Que me arrancó el dolor.
Pasó!—que todo cambia...
¡Y yo siempre te quiero!—
¡Despierta, vírgen púdica,
Despierta, linda flor!

Venid, auras livianas
Que murmurais mis cuitas.
Y en torno de ella trémulas
Contadle mi penar.
Llevadle mis suspiros
Y repetid mi canto:—
¡Despierta, vírgen púdica,
Te quiero ver y amar!

Oh! nada, nada llega
A interrumpir tu sueño;
Cansado está mi espiritu,
Cansado de dolor.
A Dios! — no hallarás otro
Que tan amante diga: —
¡Despierta, vírgen púdica,
Despierta, linda flor!

A CAMÕES.

ODA.

Dedicada á la Exm.ª Sr.ª Condesa del Casal.

Que el poeta en su mision
Sobre la tierra que habita,
Es una planta maldita
Com frutos de bendicion.
(Zorrilla.)

Perdóname, poeta, si profano
En rimas de mi lengua castellana,
Tu nombre de los àngeles hermano,
Tu inspiracion de lo immortal hermana.
El genio vive cuando el hombre espira;
Y en los cristales del sonante rio.
Y en la espesura de la humbrosa selva,
Cantando el aura gira

Su nombre por el cóncavo vacío:
Y cuando acabe de estinguirse el hombre
Del mundo envuelto en la hedionda escoria,
La última luz del astro de su gloria
Reflejará la gloria de su nombre.

Ya las alegres playas de Occidente
No escuchan ¡ ay! al espirar el dia
Tu cántico doliente,
Relámpago feliz de la poesía.
En magestad sombría
Saluda el mar tu cuna y tu sepulcro...
Y al agitarse las revueltas olas
Del piélago que brama,
No miran en tropel las banderolas
Del noble vencedor *Vasco da Gama.*

El genio, dónde está? — ¿Porqué apagado
El resplandor de su divina antorcha,
No alumbra al mundo con sus rayos de oro?
Ayer orlado con su luz el prado
De Hélicona, ostentaba su tesoro
De ricas perlas y sublimes dones. —
¡ Todo acabó! — y el manto de la muerte
Apagó — al cubijar su cuerpo inerte —
La mas dulce cancion de sus canciones!

La gloria del poeta está en la tumba —
Nacen los ecos de su fama en ella —
— El hombre vive y se escarnece al hombre —
¡ *Camões*, *Milton* y *Homero*, habeis llorado
Lágrimas de abandono y amargura....
— Solo queda al poeta desdichado
El amor do su propria desventura! —

¡Augustas sombras de divina raza,
Dormid, dormid en paz! — bien los desprecios
Tolerásteis del mundo y sus agravios —
Dormid en paz, poetas! —
¡No temais que las fiestas de los necios
Interrumpan los sueños de los sabios!

Camões, Camões! la vida es un infierno
Cuando la vida la comprende el hombre.
— Amar la dicha y al correr tras ella
Verla desparecer como en el cielo
El lánguido reflejo de una estrella. —
¡Y esto es vivir! — ¡llevar siempre en el alma
La historia de los fieros desengaños,
Y unas tras otras escribir en calma
Las horas de dolor que llaman años!
¡Ay! tú tambien para llorar naciste. . . . .
Tú — como yo — la vida has maldecido —
Tú — como yo — llevastes un infierno
En tus rotas entrañas escondido. —
Pero cantaste. . . . y al cantar tus penas
En medio la agonía,
Fué tu muerte tu última poesía.

Aguas que en vuestro curso habeis bañado
El fértil suelo de mi patria amada,
Tal vez en Portugal hais escuchado
Su primera cancion enamorada.
No murmurásteis su tranquilo acento?
¿Su voz enternecida
No llegó hasta vosotras por el viento
Y el aura conducida?
¿Y no os parásteis á escuchar atentas
Su angélica armonía,
Como el hombre en mitad de sus tormentas

Escuchó la primera profecía? —
¡Ay, no! — que indiferentes á sus versos,
Sin comprender la voz de sus cantares,
Arrojásteis sus ecos
Entre las ondas de los roncos mares.
¡Un presagio tal vez fué vuestra huida! . . . .
El mundo le esperaba —
Su corazon ardiente le llevaba
Á los revueltos mares de la vida.

¡Amor, amor! — Ardia en esperanzas
Tu corazon — á un ángel adoraste —
Pero al soñar amores,
Tú tambien — como todos — te engañaste.
La dicha, cuando jóvenes, buscamos,
Corremos tras la gloria y los placeres. . . . .
Y todos á la vez nos engañamos. . . . —
¡No hay ángeles aquí — aquí hay mugeres!
Débil tu corazon se estremecia
Al recordar las gracias de tu amada —
¡Maldicion del destino! —
Tú, que arrojastes inspirado al mundo
El libro de tu pueblo lusitano,
De amor llorastes en amargo duelo
Por su desden tirano. . . . .
¡No era tu patria el mundo, que era el cielo!

Yo, qué he de hacer en mi dolor profundo
Sin el fuego immortal que Dios inspira?
Seguir indiferente por el mundo —
Mas ya que entre los necios me confundo,
Rompo á tus pies mi desdichada lira!

Oporto 23 de Noviembre.

SIEMPRE ELLA!

Sobre el blanco cendal de la alborada,
Sobre el ardiente sol del mediodía,
En la faz de la luna enamorada,
En el cielo la vé mi fantasía.

Nunca á mi ojos su hermosura esconde,
Nunca á mi oido su clamor oculta:
En los rugidos de la mar responde;
Habla en los ecos de la selva inculta.

*

Amor inspira y en amores arde,
Emanacion de un astro mas luciente
Que flota sobre el aura de la tarde
Y brilla entre la espuma del torrente.

La quiero, por que es mia, desde niño,
Yo le dí su pureza y su hermosura;
Es el centro de todo mi cariño,
Es el foco de toda mi ventura.

Ángel, mujer, sin años y sin nombres,
Libre, sin patria y sola! — esa es mi bella! —
Oculta á las miradas de los hombres,
Donde quiera que miro allí está ella.

¡Ay, no! mentí — Su patria es mi cabeza,
Es hija de mi triste pensamiento.....
Por eso está pintado en su belleza
El pálido gemir del sentimiento.

Y vive para mí, por mí suspira,
Yo soy su Dios... mi corazon su templo....
Aquí el ambiente de mi amor respira,
Y toma de mi amor amante ejemplo.

Hermosas.... no las hay como mi fada,
Por que ella es la ilusion de mi poesía;
Y en esta aspiracion enamorada
Duerme su alma sobre el alma mia.

Por ella, vuestra bacanal desprecio,
Torpe vulgaridad que tengo en poco;
Ahora, llamadme, si os parece, necio,
Bellas sin corazon, llamadme loco.

Marzo de 1850.

A LA FUENTE DE LAS LAGRIMAS.

(A la exm.ª señora D. Maria da Concepcion Pereira da Silva.)

¡ Una idea , pensamiento !
¡ Alma triste , una ilusion !
Y llevadme por el viento
Con rápido movimiento
A la celeste mansion.

El huracan de la vida
Por mi frente dolorida
Zumba con hòrrido afan! —
Para una idea querida
Nunca falta un huracan... —

¡Ilusiones, ay! ya han muerto
Sobre este pecho vacío...
Solo queda en el desierto
De su cóncavo sombrío
Un corazon casi yerto.

Corazon que sin cariño
Y enfermo para adorar,
Solo puede conservar
Algun recuerdo de niño
Y un harpa para cantar.

Cantar! y á quién? A las flores?
Qué ha de cantar á la flor
Quien no ve en ella colores;
Quien ha perdido el amor
De la flor de sus amores?

Clara luz del mediodía,
Angélica melodía
De una alta lira inspirada,
Lanzad em mi frente helada
Un piélago de poesía!

Dadme á conocer la lira
Que tiernamente se inspira
Cantando el amor de Inès,
Poeta por quien respira
Un amor, que *ya no es* —

Aqui fué — dice una fuente
Á cuya limpia corriente
Lágrimas le dieron ser,
Mostrando así tristemente
El amor y el padecer.

Del alba á los resplandores
Un cedro les presta paso,
Y entre las dormidas flores
Una voz que se oye acaso
Canta *lágrimas y amores.*

Lágrimas y amores! — si —
El amor es un desvelo,
Que nos eleva hasta el cielo,
Y las lágrimas aqui
Prestan al amor consuelo.

A la sombra de ese cedro
Lloraste de amor, Inés —
Ay! no temas, que à tus pies
Viene á rendirse D. Pedro
Con su cetro portugués.

¿Qué importa el dolor interno
De esta vida transitoria,
Si hizo Dios, por tu memoria,
Á tu verdugo un infierno,
Para tu amor una gloria?

Todos cantan tus amores;
El guerrero en sus empresas,
Las damas en sus loores,
Y aun los pobres pescadores
De las playas portuguesas.

Camões, que amaba y sufria,
Cantò y se llevó la palma,
Mostrando en su melodía,
Que si tú le distes alma,
El te regaló poesía.

Mas yo, pobre pasagero,
Y en esta tierra estrangero,
Qué puedo darle á tu amor?...
Un recuerdo de dolor
En mi suspiro prostrero!

Coimbra, 16 de Enero de 1850.

EN EL ALBUM DE UNA NIÑA.

¿Me pides una cancion,
Tú, que aun ignoras la ciencia
Que nos deja la esperiencia
Escrita en el corazon?

Yo que he vivido sin vida
Por buscar vida mejor,
No cuento un hora de amor
Que no sea un hora perdida.

Bardos habrá por ahí
Para ensalzar tus primores,
Que esas endechas de amores
Ya no me inspiran á mì.

Yo sublimé los placeres
En altiva idealidad,
Y solo hallé falsedad—
Serán sospechas—qué quieres!..

¿Y pides una cancion,
Niña?—no ves gota á gota
La sangre, ardiendo, que brota
De aquí... de mi corazon?

De las pasiones despojos—
Oye, niña, y no te espante—
Sulcado está mi semblante,
Quemados están mis ojos.

¡Y tú ignoras esta ciencia,
Y tú vives olvidada
Por el perfume arrullada
De tu celeste creencia!

El mundo dice á los dos:
—mujer, tu amor es tu historia;
Poeta, tu amor la gloria,—
Y el fin de ambos es Dios.

Sigue, niña, tu destino
Y no me pidas canciones,
Por que nuestros corazones
No marchan por un camino.

AYER Y HOY.

ELEGIA.

(A Elisa.)

Yo te ví, como ángel, cuando apenas
En el humbral del mundo apareciste
Coronada de rosas. — Era un día
De Abril — los dos en dulces esperanzas
Ardiamos de amor — la frente pura
Reflejaba la luz del pensamiento

En éstasis celeste enajenados.
Las ninfas del placer, al lado nuestro,
Juguetonas danzaban, derramando
En el tranquilo viento de la esfera
En piélago de risas inspiradas.
Manso murmullo en la callada selva
Nuestros suspiros confundia en uno.
La bóbeda del cielo, limpia y clara,
Parece que flotaba en el vacio
Recibiendo los ayes escapados
De nuestro corazon que alli volaban.
¡Cuánto recuerdo, Elisa! — El alma ardiente
Sentí tremer bajo el robusto peso
De nuestra inspiracion enamorada.
Tu mano con mi mano... palpitante!
Tus ojos en mis ojos... con delirio!
Tu boca con mi boca .. confundida!..
Cuánto recuerdo, Elisa! — Ya pasaron!
¡Fueron de *ayer* tan adorados sueños,
Y el *ayer* espiró. — ¿Lloras, Elisa?

Hoy... ya lo ves! Perdieron su frescura
Los lirios de los valles que escucharon
Tus juramentos en mi pecho escritos.
Muda está la montaña! No repite
Tu canto que pasó... Duermen los ecos
Sobre el lecho selvático de rocas...
Su postracion naturaleza busca
En brazos del otoño. Impetuoso
Se hunde el torrente, respirando espumas,
Por el cauce soberbio aprisionado
Que le conduce al mar... y alli se pierde.
Torrentes eran ¡ ay! mi Elisa amada,
Nuestros dos corazones. Despeñados

Por el estrecho cauce de los años,
Perdiéronse en los mares de la vida.
Cuitados! Sin ventura, de onda en onda
Naufragaron, esclavos de los vientos,
Sobre el débil bajel de la esperanza!
Elisa, ya lo ves...—Yo te adoraba
Como se adora un ángel, vida mia...
Tú recibiste mi amorosa ofrenda
Enagenada en tu primer delirio
Y llorastes, Elisa!—ya acabaron!
Y para qué si tan felices fuimos?

Melancólica sombra de la muerte
Oscurece la luz de tu semblante;
Marchita y sin frescor, dìme, qué esperas
Sobre este mundo?—Nada! triste nada,
Triste palabra, que nos une, hermosa—
Yo tambien, como tú, sufro ese nada,
Que me desgarra el corazon. Sentimos
Ayer un nada vago y misterioso
Vestido de memorias y esperanzas...
Hoy, ya lo sabes, sin calor, desnudo
Ese fantasma se aparece siempre!..

LA ÚLTIMA ESPERANZA.

Ay, ya no hay luz! — Perdieron su hermosura
Los sueños de la vida!
Cansado, sin aliento, sin ventura
Emprendo mi partida.

¡Y tú vinistes á soltar tu vuelo,
Mujer desventurada,
Sobre este mundo que cubrió de hielo
La vista de tu *nada*!

Mezclando la blasfemia á la plegaria,
A un infierno de idea,
Paso se abrió mi vida solitaria
Por la tiniebla atea.

Mas tú diste al infierno de mi vida
El bien de los amores,
Y poblaste mi frente dolorida
De luces y de flores.

Gracias! — Voy á morir! — Fuiste la estrella
Que, al indicarme el puerto,
Abrió á mis ojos, vagarosa y bella,
El porvenir incierto.

¡ Ay, para siempre á Dios! — El pensamiento
Te dejo por memoria....
Y allá en las alas del callado viento
Yo cantaré tu gloria.

Cuánto te amé! — Perdona si algun dia,
Con mundanal anhelo,
Las flores de tu rica fantasía
Yo tendí por el suelo.

Aqui se unió tu corazon al mio —
Pero la tierra ingrata,
A los impulsos del dolor impío
Mi corazon maltrata.

Las lágrimas que brotan una á una
De mis párpados rojos,
Gotas de sangre son que la fortuna
Amontonó á mis ojos.

Luché y cedí — la fantasía inquieta
Se rindió con la vida.... —
¡ Quédate con mis sueños de poeta,
Yo emprendo mi partida!

El alma, rota en las tenieblas, lanza
En su pesar profundo,
Ay! para ti la última esperanza,
Su maldicion al mundo.

Lisboa, Abril de 1850.

ZULYMA LA ENAMORADA.

LEYENDA.

I

Hélos! — sobre dos corceles
Que, relinchando, cabalgan,
Dos sombríos caballeros
Saliendo van de Granada.

Los dos al par, silenciosos,
Mudos como dos estátuas,
Ni se miran uno al otro,
Ni el uno al otro se hablan.

Soberbios son los caballos;
No dieron mas fiera raza
Ni mas hermosa, los campos
De Córdova la nombrada.

Es noche, y los caballeros
Pasan, como dos fantasmas,
Ni una frase se les oye,
Ni un solo ¡ay! se les escapa.

Ya han pasado de la Vega
Y furtiva, una mirada
Tal vez lanzaron los dos
Que fué á fijarse en Alhambra.

Es la oracion que los ojos
Dan á la última esperanza
La despedida del mundo
Y del amor que nos mata.

Si pudierais comprender
El misterio que encerraban
Aquellos ojos brillantes
Entre las tinieblas pardas!...

Aquel palpitar ardiente
Del corazon que se inflama
Con el recuerdo maldito
De un amor sin esperanza.

Vivir... sin tornar á verla
Morir — sin enamorala....
Los que tanto la querian...
Los que tanto la adoraban!

Infelices — Qué habeis hecho
Que el amor tan mal os trata?
Zelos teneis de Zulima
Que de hermosa tiene fama?

Los córceles
Paran...
Los ginetes
Bajan —
Las espadas
Se cruzaron,
Y en silencio
Pelearon. —
Quien venció? —
A las pocas
Estocadas
Uno en tierra
Ay! cayó.
Y el otro
Callado
La espada
Envainó.
Montara
El caballo,
Ligero
Partió.
El otro
Quedó —
Y nadie
Lo vió.

Y el vencedor caballero,
A dónde se dirigió?
Y el que allí quedó vencido
Decidme, acaso murió?

II

Si alguna vez soñasteis con placeres,
Si alguna vez soñasteis com amores,
En el vago ideal de las mujeres,
En el débil perfume de las flores.

Si habeis sentido el resplandor escaso
Del astro hermoso que en la noche gira
Bañar la faz de la mujer que acaso
Llena de amor por vuestro amor suspira:

Si aquella angustia y frenesí perdieron
Tanto entusiasmo y esperanza loca,
Si vuestros labios palpitantes dieron
Un dulce beso en su entreabierta boca.

Y si despues el desengaño amargo
Vino á mostrar al corazon ardiente,
Que aquel divino languido letargo
Fué un delirio no mas de vuestra mente.

Si pasásteis las horas una á una
Como Zulima las pasó llorando,
Al trémulo reflejo de la luna
Las flores de su alma deshojando...

Oh! Comprendiérais la menguada pena
Que un desengaño sobre el alma escribe,
Ay! Cuando el alma á esperanza llena
Rompe los lazos con que sueña y vive.

No hay otra flor, como Zulima bella',
Bajo el azul del cielo granadino...
Un dia apareciósele una estrella,
Y fué esa estrella quien marcó su sino.

Cuentan que entre un celaje resplendente
Que apareció por la tiniebla oscura,
Hácia el lado confuso del oriente,
Una estrella anunciaba su ventura.

Todas las noches á la misma hora
Tras de su reja suspiró Zulima,
Y siempre aquella estrella bienhechora
Del negro oriente apareció en la cima.

Y contenta y feliz Zulima bella,
Vivia amando á su galan oculto,
Que siempre vino al relumbrar la estrella
Loco á su reja en embozado bulto.

Mas una y otra noche se pasaron
Y ni la estrella ni el galan vinieron,
Y nunca mas las cuitas consolaron
Del corazon que sin piedad rindieron.

Mustias cayeron las tempranas flores
Que le plantó la rica fantasía
Sobre el vario vergel de sus amores
Cuando á buscarla su galan venia;

Ay! se ha olvidado de tu amor sin duda...
Ay! no recuerda tu cariño ardiente!
Tú, que entusiasta, delirante, muda
Gravaste un beso en su tostada frente.

Nacida bajo el sol de Andalucía,
Criada en el jardin de esa Granada,
Todo ese fuego que en tu pecho ardia
En lágrimas quemó tu faz rosada.

Pobre Zulima, al porvenir lanzaste
Tu vista ardiendo entre las densas nieblas,
Y en el cielo sin fin que imaginaste
Viste reinar las pálidas tinieblas.

¡Tú, que le amaste con pasion tan loca,
Tú, que naciste para ser amada,
Tal vez hallaste un corazon de roca
Que no entendió los ayes de tu boca
Ni el fuego virginal de tu mirada!

III

Pasáronse algunos dias
En esta horrible incerteza,
Sin colores su belleza,
Sin vida su corazon;
Ella, que á nádie en el mundo
Tenia para consuelo;
Su madre, llevóla el cielo,
Su padre, en una prision.

¡Tan jóven y ya perdidas
Las ilusiones del alma,
Tan jóven y ya la palma
De sus amores cayó!
Altiva creció á la sombra
De un pensamiento amoroso,
Mas el simoum furioso
Hojas y tronco quebró.

Un dia que, recostada
Sobre un divan recamado,
Estaba la enamorada
Zulima, pensando en él,
Se abrió la purta, y el bulto
De un hombre pintóse en ella,
Que bajo la capa oculto
Luego atravesó el dintel.

Galan por sus ademanes,
Arrogante en su figura,
Su gallardía y bravura
Le distinguen entre mil.
Miró un momento á Zulima; —
Á un lado la capa deja; —
Y en tono de quien se queja
Dijo á la dama gentil: —

« No vengo á mostraros, no,
Señora, el amor que os tengo:
Solo á despedirme vengo
De aquella que me engañó.

Por que sois encantadora
Os entregué el corazon;
Ni he sentido otra pasion
Que la que os tuve, señora.

Sabedlo que no es en vano;
Y que me perdone Dios;
No hay partido entrelos dos —
Vos sois mora y yo cristiano.

Soldado, vine á esta tierra
Desde Burgos do he nacido;
Nunca otra cosa he sabido
Mas que negocios de guerra.

Aunque galan sin ventura
Fuí capitan con estima;
Loco os amé — mas, Zulima,
Culpad á vuestra hermosura.

Y dispensadme si yo
No muestro el amor que os tengo;
Por que á despedirme vengo
De aquella que me engañó.

ZULIMA.

Vuestro temerario empeño
A contestaros me obliga,
Y permitidme que os diga
Que cuanto hablais es un sueño.

Desde que os vi, con afan
Os entregué el corazon,
Ni he sentido otra pasion
Que la que os tuve, D. Juan.

Celos fingís y es en vano,
Comprendo vuestra demanda,
Sois D. Juan de Peñaranda,
Yo soy mora y vos cristiano.

Y aunque me llamais señora,
Es tan humilde mi cuna,
Que en vuesta altiva fortuna
Despreciais la pobre mora.

Ojos tuve para ver,
Corazon para sentir,
Y fuerzas para sufrir
Mis delirios de mujer.

Buscad otra que igualada
Tenga fortuna y amor,
Y no os acordeis, señor,
Ni de mi ni de Granada.

D. JUAN.

Loco me vais á dejar
Si no estoy loco de amaros,
Mas antes voy á esplicaros
Lo que no podreis negar.

Un hombre, qnien es no sé,
Que hablando con vos me vió,
Cuentas de ello me pidió —
Reñimos, y le maté!

Un relicario llevaba
Que yo le arranqué del pecho,
Y en él, tras un vidrio estrecho,
Vuestro retrato se hallaba.

ZULIMA.

Un retrato?

D. JUAN.

Vedlo aqui. *(Mostrándolo.)*

ZULIMA.

Y, D. Juan, le habeis matado?

D. JUAN.

Con espada hemos lidiado.

ZULIMA.

¡Era mi padre, ay de mi!

D. JUAN.

¡Vuestro padre, perdonad!

ZULIMA. *(Con desesperacion.)*

No profaneis mi dolor...
Maldito sea vuestro amor!—
¡Padre del alma, piedad!
.....
.....

IV

¿A dónde vas, caballero,
Dónde vas con lanza en mano?
A dónde va ese cristiano
Sobre su corcel ligero?
Correrá tras de la suerte
Que no ha encontrado en su tierra?
A dónde vas?—A la guerra!
Que buscas alli? La muerte!

Mal vestida y delirante,
Corriendo por la llanura,
A dónde va esa hermosura?
Si irá en busca de su amante?
Tal vez el alma divierte
Con un pensamiento incierto —
A dónde vas? — Al desierto!
Que busca alli? — La muerte!

A ZAMORA.

¿ Eres tú por ventura la que á la grata sombra
Del manto de los reyes altiva se ostentó ,
La que la fama aplaude , la que Castilla nombra
Pueblo de mil valientes que el mundo celebró ?

¿ Eres tú la orgullosa ciudad que en tantas lides
Fué rayo de la raza del fiero Mahomet ,
Donde al esfuerzo rudo de Alfonsos y de Cides
Huyeron las falanges impuras del infiel ?

¿Eres tú aquella hermosa ciudad, mansion de reyes,
Muro nunca vencido del patrio pabellon,
Tú que enseñaste á España de la lealtad las leyes
Vendidas por las turbas de mísera traicion?

Del norte de la Europa con arrogancia fiera
Las huestes de Ataulfo vinieron en tropel,
Con ruda planta hollando de Roma la bandera,
De un abismo insondable caida en el dintel.

Indómita falanje del norte cabernoso
Sedienta de victorias en tu jardin cayó,
Oh Roma, que dormida escuchaste el fragaroso
Estruendo de la guerra que ronco rimbombó.

¡ *Los barbaros!* le llama con poca fé la historia....
¡ *Valientes!* vive el ci elo! su nombre solo es....
Pueblo guerrero y noble que circundó de gloria
La España del romano, donde asentó sus pies.

Y en pos de ellos vinieron con pompa y algazara
Los *Condes de Castilla*, ceñidos del laurel
Que en mil conbates rudos su esfuerzo conquistára,
Tegiéndole á sus reyes una diadema de él.

¡ Todo en la oscura noche del tiempo quedó oculto!
¡ Las aguas de los rios se hundieron en el mar!
Tan solo alguna piedra, como infernal insulto,
Levántase altanera su curso á dominar.

Y esas piedras que al viento furiosas desafian,
Las torres, las almenas de tus murallas son,
Que en vez de orgullo y guerra cual otro tiempo, envian
Al cielo y à la tierra voces de compasion.

Porque pasó tu grandeza,
Porque en el polvo se ha hundido
Lo que otros dias ha sido
Gloria, poder y valor.
Porque tus hijos valientes
No visten cota de malla,
Por que rompió tu muralla
El huracan bramador.

Esta es la ley del destino
Que nuestros momentos cuenta;
Esta es la ley que atormenta
Nuestras horas de placer.
El porvenir nos da en cambio
De nuestra ilusion mentida,
Que alimentemos la vida
Con los recuerdos de ayer.

Soñemos con lo pasado,
Y al dirigir nuestros ojos
Sobre los yertos despojos
De una gloria que pasó;
Con meláncolico acento
Y misteriosa dulzura,
Recordemos la ventura
Que ya en las sombras se hundió.

Al rápido trotar de los corceles
Llama á tus puertas con rabioso encono,
Un rey que por ceñirse de laureles
Al propio hermano le usurpó su trono.

Vedle, D. Sancho es! Frente por frente
De tus torres su ejército avecina,
Y con orgullo y ademan valiente
Tu hermoso suelo á conquistar camina.

¡ Una débil muger gobierna sola!
Y aunque D. Sancho en su furor se arde,
Esa noble muger es espanola,
Y en España ¡ pardiez! nadie es cobarde.

Ella le defendió! mas si el destino
Dióle por un traidor muerte á D. Sancho,
Tambien D. Sancho al escojér camino,
Escojió ¡ vive Dios! el menos ancho.

Ay! cuanta sombra de la regia raza
A la agitada mente se presenta,
Y tras la huella que su gloria traza
Rico el pasado en tu favor se ostenta.

Tambien alli, que el pectoral empuña,
Vedle blandiendo la robusta espada....
Su pueblo... es español!... su nombre, *Acuña!*
¡ Mártir de libertad, sombra adorada!...

ADELANTE! — ATRAS!

LA MADRE.

¿No ves un templo gigante
Tras el lejano monte
Donde para el horizonte?
Pues, niña, sigue adelante,
Alli la gloria hallaras...
Mas tu agitacion me inquieta.
Otra vez, niña indiscreta,
Vuelves los ojos *atras?*

LA HIJA.

Madre, a donde me llevais
Con tan osada porfia,
Cuando la esperanza mia
Con vuestro empeño matais?
No puedo resistir mas
Esta continua emocion
Pues siento que el corazon
Se me va quedando *atras.*

LA MADRE.

—No comprendistes la ciencia
Que me dejaron los años
Escrita con desengaños
Sobre mi pobre existencia,
Mas algun dia sabrás
Que si apañamos abrojos
Es, niña, porque los ojos
Tornamos, necios, *atras.*

LA HIJA.

—Madre, dejadme cojer
Esos espinos del mundo
Y tras de ese mal profundo
Dicen que viene el placer.
Ay! el mundo! cuanto mas
Lo contempla mi ilusion,
Mucho mas el corazon
Se me va quedando *atras.*

LA MADRE.

—Pomposas galas fingia
En mundo seductor
Cuando yo, llena de amor,
Le di toda el alma mia,
Llegué á creer que jamas
Maldeciria ese instante
Que sin mirar adelante
Me quedé á mirar *atras.*

LA HIJA.

—Y no imaginais, señora,
Que el que ha gozado en la vida
Halla placer en la herida
Del daño que le devora?
Dejadme por Dios quizás
Sigo mejor adelante,
Despues de gozar amante
Lo que dejamos *atras.*

LA MADRE.

—Niña atiende á mi esperiencia,
Y á mi vejez dolorida,
Pues muchos años de vida
Me han enseñado esta ciencia.
Por memoria alcanzarás
En ese mundo encantado
Un corazon lastimado
De tanto mirar *atras.*

LA HIJA.

—Madre, tenemos las dos
Tan distinto pensar hoy
Que mientras yo al mundo voy
Vos tan solo vais a Dios
Siento un amor que jamas
La esperanza ha satisfecho
Amor que me abrasa el pecho
Amor que se queda *atras*.

LA MADRE.

—Adiós, te dejo en el mundo
Mas aquel templo de gloria
Donde Dios vive en historia,
Calmará tu mal profundo.
Niña, alli me encontrarás.
Pidiendo por ti de hinojos
Tú vendrás, cuando los ojos
No puedas volver *atras*.

. . . . . .
. . . . . .

LA HIJA.

20 *años despues.*

Pasad, pasad, vapores mentirosos
De aquel amor que por mi mal soñé!
Pensamientos de vida misteriosos
No conmovais mi vacilante fé.

La bobeda del templo no murmura
Palabras engañosas de placer —
Madre, reposa en paz — tu sepultura,
Cual tú, llorando, me verá caer.

No traigo de la vida mas que engaños
Que desgarraron ¡ay! mi corazon
Conté mis dias de dolor por años...
Y hoy vengo solo aqui con mi oracion.

Hijos del polvo, el insensato orgullo
Sobre una tumba, nos hechó á los dos —
En torno siendo un celestial murmullo —
¿Si mi plegaria llegará hasta Dios?

EL MAR.

Brama, brama otra vez! — Asi! ya siento
Tu resonante acento
Que estremece las rocas,
La nivea espuma en confusion se estrella
Contra el pelado assiento
De esa peña desnuda.
Impávida te admira
Mi alma, oh mar, y mi empolvada lira
Por vez primera absorto te saluda.

Siempre de tí apartada, se espaciaba
Por tí mí fantasía,
Y cuanto mas lejos te miraba
Mas sede de verte el corazon sentía,
Dentro del alma mia
Oí bramar la tempestad del mundo,
Tomé lá líra, y arrojé cantares
Preñados de tormento,
Que hay borrascas tambien, como en los mares,
En los mares sin fin del pensamiento.

Dios escribió su onipotente gloria
Sobre ese lienzo liquido que vaga
De norte a súr, en movimiento siempre,
A los ojos del hombre vas mostrando
El soberbio pendon de tu grandeza,
Ora en murmullo plácido girando
Ora alzándote horrible en tu fiereza,
Durmió Alejandro sobre ti, y pudiste
Con sacudir tan solo tu melena,
Sepultar el dosel de sus conquiste
Bajo tu inmenso túmulo de arena,
Las mil generaciones que pasaron,
En mármoles y bronces, de su imperio
Larga memoria al porvenir dejaron
Monumentos del arte y del misterío
Se alzan sobre la tierra. Centinelas
De un poder que se hundió. — Pero su historia,
No cantas tú: — su eternidad sucumbe
Bajo el eterno canto de tu gloria.

¿Qué buscan esas ondas turbulentas
Que el liquido cristal alborotando,
Una tras otra, en su furor violentas,

Se van contra las rocas estrellando?
Se hunden, vienen y van — su inmenso eco
Gime en el ancho hueco
De esa desnuda y desigual montaña
Un dia y otro mas siempre lo mismo! —
Asi en el alma, con tremenda saña
Bullen las ilusiones ..
Se hunden, vienen y van — su eterno giro
Se pierde allá en la tumba
Desde la ignosa cavidad de oriente,
Cuando en el pecho alborotado zumba
De la esperanza el rápido torrente
Que nos leva del uno en otro abismo
En borrascosa lid con las pasiones,
Entonces, como tú, las ilusiones
Se hunden, vuelven, y van, siempre lo mismo.

Brama, brama otra vez! — te desvanece
La blanca espuma en los helados vientos,
Y mi alma, á tus satánicos concentos,
Con estúpido gozo se adormece.
¡El ruido aumenta, el movimiento crece! —
Pobre bajel, que por la mar caminas
Á merced de las olas!
¡Un paso mas! y necio te avecinas
Hácia el abismo donde imperan solas.
Ahora que rujen roncas las tormentas
Te admiro, oh mar, en mi entusiasmo mudo
Y ahora que, hinchada, con fragor revientas
Una vez y otra vez, yo te saludo.

Fué un tiempo en que Venecia, la altanera,
La esposa de los mares,

Sobre tu espalda, con audacia fiera,
Daba al viento sus lúbricos cantares.
Mercaderes triunfantes de la Europa
El Asia le entregaba su tesoro,
Franca la entrada a su gallarda tropa.
Dueña de medio mundo
Impávida paseaba su insolencia
Del piélago profundo
Por las revueltas olas;
Donde quiera que el acento humano
Vibraba inbécil sobre el viento vano,
Allí sus insultantes banderolas.

Venecia! ¿dónde está?—Fué una oleada
Que se estrelló en la roca de la tumba,
Y Génova tambien.—Tu losa helada
Murmura al soplo de aquílon que zumba,
La atlántica se hundió! y aquellas naos
Que vió un dia Lepanto
Se sepultaron en tu eterno abismo...
Todas son oleadas, que en su espanto,
Pasán, tornan y van siempre lo mismo.

Oh! ya has soltado tus tranquilas ondas
Débiles al rielo de la luna,
Y el eco de las noches vagarosas
Murmulla sobre el piélago infinito!
En calma y majestad, dueño del mundo,
Monarca de una zona y otra zona,
Te vas señoreando
Por esa inmensidad que te aprisiona!
Oh! yo te escucho, y el suspiro lento
De tantas misteriosas armonías
Que en la perdida cavidad del viento

Pasan, cantando, al espirar los dias...
Las ráfagas de auriferos adornos
Que de las nubes al pintar los bordes
Van perfilando mágicos contornos
Oh! todo viene à conmover mi alma
El oceano en mi cabeza gira —
Mi corazon naufraga en sus tormentas
Y esas celestes dulces melodias
Que navegan sin nombre y sin concierto,
Los himnos son que de mi lira brotan
Para cantar la magestad divina.

TU MIRADA.

Cómo bajan rodando lentamente
Las hojas de los árboles del monte!
Apenas ya viela en la corriente
La débil luz del pálido horizonte!

No amo la luz porque la luz insulta
Los dulces sueños que en mi frente ruedan,
Y amo la sombra, que la sombra abulta
Esas fantasmas que las luces vedan.

Te vi una vez y desde entonces creo
Que estàs viviendo en mi escondida idea;
Y cuanto mas en mi ilusion te veo,
Mas me aconseja el alma que te vea.

No sé si fué la luz de tu mirada
Ó fué una inspiracion de mi poesia
Pero siempre mi alma enamorada,
En todas partes, sin querer, te via.

Quise cortar la purpurina rosa
Que descollaba entre las otras flores,
Y alli te via, como siempre hermosa,
Derramando torrentes de esplendores.

Al templo fué con mi dolor profano,
Y en mi plegaria y mi ferviente anhelo,
Las luces de tu rosto soberano
Brillaron, ay! sobre la luz del cielo.

Y el banquete, que al placer provoca,
Mil veces; *Evohé!* clamé de hinojos,
Y entre el murmullo de la turba loca
Miré una luz y sorprendi tus ojos.

¿Quién eres tú que á mi pesar te veo?
¿Y por qué entre tus ojos y los mios,
El electrico fuego del deseo
Comunica los dulces desvarios?

Talvez mitad de un alma dividida,
Un espíritu mismo nos sostiene;
Y así tu vida vive con mi vida
Y del mismo delirio se mantiene.

Ven á pasar conmigo esta morada,
Que al terminar la mundanal carrera,
Envueltos en la luz de tu mirada
Treparemos las cimas de la esfera.

Llegaremos radiantes de fulgores
Y á Dios diremos nuestra amante historia,
Y Dios perdonará nuestros amores
Por que es tu luz un rayo de su gloria. —

El débil son de las flotantes brisas,
El perfume feliz de los jardines,
Y las alegres insolentes risas
Que brotan, sin amor, de los festines;

Y el plácido sosiego que fascina
Al pueblo que se duerme en sus cantares,
Y la tarde que lánguida declina,
Y el ruido magestuoso de los mares;

¿Qué son, ay! para mí, cuando violento
Late mi corazon con mal profundo?
¿Qué son, ay! para mí, si el pensamiento
Rompe sus lazos y se créa un mundo? —

Y no quiero llegar á tu hermosura
Por que es muy grande mi arrogante ensueño,
Y temo hallar en la mujer mas pura
Un corazon, para mi amor, pequeño.

Tus glorias canto si tu vida ignoro,
Aunque pueda en la vida idolatrarte —
Por que, si entre los ángeles te adoro,
¡Oh! ¿cómo entre los hombres podré amarte?

UNION!

En el album de mi amigo el jóven poeta portugues
D. Antonio X. R. Cordeiro.

I

Ves? — hay dos astros, pero solo un templo...
Palpita el orbe cuando el sol lo inflama —
Un templo es la creacion, donde derrama
A piélagos su luz.
El sol! — astro de vida para todos;
La gloria! — astro de luz para el poeta; —
Bardo, levanta tu cabeza inquieta
Al firmamento azul.

II

Tu escudo es la ilusion quo llena el alma;
Tu espada, el atrevido pensamiento; —
Corta con ella la region del viento,
Gerrero del *Señor*.
Ven á la liza! nuestra raza duerme
En el mercado de las turbas! — Mira!
Si nuestra pobre sociedad te inspira,
Sé tú su trovador.

III

Ya nuestra patria sucumbió! La gloría
Abandonó las márgenes de Iberia:
Luto, desprecio, soledad, miseria
La ocupan por doquier.
Deja á un lado el rencor de los que fueron;
Une tu mano con mi yerta mano;
Nuestra patria lo quiere — sé mi hermano,
Y ayúdame á vencer.

IV

El sol rompe las nieblas de la noche,
Mas no rompe las nieblas del olvido!
La gloria nos alumbra! — Ven erguido,
Sigamos su fulgor.
Si en la liza caemos, tal vez venga
Tierna *fada* á llorar por tu fortuna;
Mas, ay! por mí no llorará ninguna, —
¡ Mi amor no tiene amor!

LA PERSIANA.

Ay! torna á abrir la ventana
Donde mora mi ventura,
Y no me escondas tirana
Tras de la verde persiana
Las luces de tu hermosura.

Si sabes ya mi pasion,
Por qué has de ser tan cruel
Con mi pobre corazon,
Que ni amor sientas por él
Ni tampoco compasion?

Yo no puedo aborrecerte
Ni soy capaz de olvidarte;
Pues empeñado en quererte,
Me sorprenderá la muerte
Con deseos de adorarte.

Oh! quiero beber tu aliento
Y olvidar la sinrazon
De ese contínuo tormento
Que va devorando lento
Las alas del corazon.

Y en la tarde o la mañana,
Igual que en la noche oscura,
Quiero acechar tu persiana
Por ver si asomas, tirana,
El cielo de tu hermosura.

Y un dia con otro dia
Pasaran, y mas de cien,
Y los dos en lucha impía;
Yo siempre con mi porfia,
Tú siempre con tu desden.

Loco de mí! — no mereces
Que tan solo por quejarme
Suelte al aire estas sandeces;
Cuando es cierto que otras veces
Te has asomado á mirarme.

Recuerdo que tu embeleso
Dió pávulo á mis caricias,
Gozando en amante acceso,
Con la aspiracion de un beso
Todo un mundo de delicias.

Yo he sentido palpitar
Tu corazon junto á mí;
Y te he visto delirar,
Y te he visto suspirar
¡Ay! no me engaño — por mí!

Ahora te occultas tirana
Quando mi amor te procura,
Cuando miro tu ventana
Maldiciendo la persiana
Que me roba tu hermosura! —

El aura murmuradora
Que pasa, cantando, aquí,
¿No va á contarte traidora
Lo que padezco, señora,
Cuando estoy lejos de ti?

Mis ojos, al ver tu calma,
En lágrimas mil inundo —
Llanto de pesar profundo —
Vapor que sale del alma
Y hiela el frio del mundo.

Por que es muy triste tener
Corazon para vivir
Soñando con el placer,
Y no hallar en la mujer
La grandeza de sentir.

Mas, cielos! — ya mas humana
Asomas la frente pura
Alumbrando la ventana!
¡Ya has quitado la persiana!
— Salve, divina hermosura!

Lisboa, 2 de Abril —

A MI AMIGO LOPES DE MENDONÇA.

Liberté — égalité — fraternité.

Y vivian allí, sin mas alibio
Que la menguada caridad de un rey! —
Qué pueblo tan valiente! —
En su miseria se durmió indolente
Y allí brotó la corrompida gey.
Sin pensamientos su cabeza — el alma
Sin una inspiracion que, generosa,
Animára su ser degenerado!
Muerde la tierra, y en su ruin contento,
Huye del sol su pálida mirada,
Y cuando gime borrasceso el viento
Lleva al cielo su ronca carcajada.

El pueblo, maldicion! Oh, que respondan
Los torpes hijos del tremendo Atila!
Vedlos envueltos en su propia sangre,
Vertiendo lumbre su feroz pupila.
Y el pueblo se olvidó de sus agravios,
E inclinó su cabeza reverente. —
Pasaron — el escándalo en los labios,
El orgullo sacrílego en la frente.

Durmió, mísero y triste,
El sueño de los siglos: —
Desnuda la armadura,
La mano sin espada,
los ojos en el polvo. —
Su sueño era de muerte, y aun muriendo
Su bien perdido y su dolor cantaba,
Y los tiranos, su cantar oyendo,
Murmuraron que el pueblo deliraba.

Delira, si; mas silencioso, inerme
Tal vez al sueño vengador se allana,
Por que si esclavo en su ignorancia duerme
Con mas valor despertará mañana.
Cuando rota la púrpura, y por tierra
El manto de los reyes, en girones,
Venga á pedirles, vengativo, guerra;
La sangre toda que su cuerpo encierra
No apagará la sed de sus legiones.

Llora, si, mas sus lágrimas de fuego
Escaldan la megilla!
Ay, tú tambien con su desgracia lloras,
Tú, donde el sol del entusiasmo brilla!
No ves un astro que, entre nubes, lanza

Sus rayos de oro en el confin distante?
Mañana alumbrará de tu esperanza
La aspiracion gigante!

Tiende tus alas al brillar del dia,
¡Oh hijo de la luz y el entusiasmo!
Y atras se quede la caterva impía
Mordiendo el suelo con feroz sarcasmo,
Tal vez no apeñes en la vida flores,
Que el vulgo irreverente
Murmura de los límpios esplendores
Que lanza al mundo la inspirada frente.

No tornes nunca atrás! — Sufre y medita
Las penas de ese pueblo turbulento,
Que mal envuelto en su ignorancia grita,
Y que sus quejas se las lleva el viento.
No tornes nunca atrás! — La luz del alma
No se apaga al murmullo de los necios —
El porvenir te guardará una palma,
Tú, para ellos, guardarás desprecios!

SIN AMOR!

Ni á contemplar se detendrán sus ojos
Que te abrasaste por amar su lumbre!
El Girasol. — Por la Señorita D. Carolina Coronado.

Busco un alma que viva en mi alma,
Busco un pecho que viva en mi pecho,
Busco, en fuego de amores deshecho,
Otro fuego que abrase mi ser.
Palpitantes y trémulos, mudos,
Unos labios que aprieten mis labios,
Y olvidar mis desdichas y agravios
Absorbiendo en su boca el placer.

Quiero amor! que me quema el deseo
De encontrar otro amor como el mio!
Quiero amor! — Infeliz! desvarío!...
No hay amor, no hay amor para mí.
Lo busqué en las aldeas — no estaba,
Lo busqué en las ciudades — tampoco
Lo invoqué sobre el mar, ciego y loco,
Y jamás á mi lado le vi.

Suspiré con la luz de la tarde,
Suspiré con la noche callada,
Suspiré con la roja alborada,
Paro nadie por mí suspiró.
Entre tantos que al mundo vinieron
Corazones que amores inspiran,
¡ Cuántos hay que infelizes suspiram
Maldiciendo su amor como yo!

Con pasion tan gigante en el alma!..
Con deseo de amor tan profundo!..
Y no hallar el placer en el mundo,
Y en el mundo el placer existir!
Venid, ay! vaporosa, liviana,
Leve tropa de bellas mujeres,
Derramad sobre mí los placeres...
Quiero amaros!.... amar... y morir!

Y traed la sonrisa en los labios,
Y traed el delirio en la frente,
Y en los ojos la llama que ardiente
Devorando mi espíritu va.
Suelta al viento la blonda melena,
Sobre el cuello flotando insegura,
Desprendida ta infiel vestidura
Que ocultando las gracias está.

Pregunté al occeano agitado
Por la hermosa que en sueños veia,
Pero nadie á mi voz respondia,
Y mi suerte fatal maldecí.
Y me abraza el deseo de hallarla, —
Y mas el eco, á mi voz importuna,
En el mar, en el sol, en la luna
Repitió: — « *No hay amor para ti.* »

A LA POETISA CAROLINA CORONADO.

Pues si en gemir son iguales,
Nuestras voces uniremos
Retiradas,
Como de dos manantiales
Unirse las aguas vemos
Separadas.
Carolina Coronado.

Leve barco el agua riza,
Se desliza sin temor:
Lleva al puerto en su bonanza,
La esperanza del amor.

Héla allí! — la mar segura,
Si murmura es de placer;
Sobre el piélago azulado,
Columpiado al barco ved.

Llegó ya! — cruzó los mares —
Sus hogares visitó —
Bien venido tú que al puerto
Con tan cierto rumbo dió.

— Tú que gimes y que sueñas
No desdeñas contemplar,
Que esa barca tan querida
Es la vida, el mundo el mar.

Para tí débil murmulla
Y te arrulla blanda, sí; —
Pero en cambio brama airada,
Irritada para mí.

Tus gemidos son soñados....
Mas llorados.. oh! que no!
¡ Si gimieras, ay! á gritos,
Tan malditos, como yo!

Porqué buscas compañera
Si altanera has de vogar?
Porque buscas otro acento
Que dé aliento á tu cantar?

Cuando el mar cruces volando,
Naufragando estaré allí; —
Lanza al viento, ya que espiro,
Un suspiro para mí.

LISBOA.

Quién es esa encantada
Vison que sobre el rio,
Dueña de su albedrío
Tan adormida está?
Adónde va esa fada
Que en caprichoso vuelo
Su frente eleva al cielo,
Sus pies hunde en la mar?

Porqué murmuran lentas
Las auras vagarosas,
Porqué si el sol declina
La baña de fulgor?
Porqué lanzan su aroma
Los lirios y las rosas,
Suspiros de las bellas
Y emblemas del amor?

Por qué si con su planta
Va destrozando flores,
La fé de sus mayores
Holló tal vez ahí?
Por qué si nació hermosa,
De su hermosura esclava,
En su indolencia acaba
La fé del porvenir?

Qué hermosa! — Cómo juega
En su labio la sonrisa!
Tórtola de los valles
Y perla de la mar.
Sobre esa cinta de aguas
Que mansa se divisa,
Perdida en lontananza,
Perdida mas allá.

Sultana de Occidente
Que en tu dormido espacio
Remedas un palacio
De mágico esplendor,
Guardada de las furias
Del viento y las tormentas
Te ries y sustentas
A su feliz rumor.

Siempre sereno y limpio,
Su pabellon flotante
Suelta sobre tu frente
La mano del cenit.
Amada de las luces,
Del Occeano amante,
Arbusto del Oriente,
Por que naciste aquí?

Has escuchado esas voces
Que en alas del viento van;
Eco de futuros goces,
Dichas que llegando están?
Es un pueblo que levanta
Su cabeza, y que quebranta
Su tremanda esclavitud!
La humanidad que camina!...
La libertad que fulmina
Del cenit en la altitud!..
.....

MIS 23 AÑOS.

Otra vez de su giro arrebatado
Ese cadáver sobre mí cayó;
Otra vez, sobre el viento columpiado,
Ante mis ojos trémulos pasó.

Lo vi, temblé! — Su movimento eterno
Deja en mi corazon eterno mal;
Ese fantasma lo enjendró el infierno...
¡Siempre ante mí, se apareció fatal!

Y contando mis pasos y mis horas,
Siempre á mi lado, me retrata fiel
Las cuitas de mi alma abrasadoras
Con ruin contento y con afan cruel.

¡No ves cómo te tengo en la memoria,
Año, fantasma, vértigo, ilusion?
Ah! no levantes la dormida historia
Del fondo de mi pobre corazon!

Qué tienes tú para alegrar mi vida?
Quieres oir el eco funeral
De una blasfemia torpe y corrompida
Que brota el labio con furor letal?

No, no! lejos de mí! — Corre al abismo,
Oh dia en que mis años cumplirán!
¡La misma pena y el deseo mismo...
Ansias eternas, suspirado afan!

Sin luz mi frente, y el alma
En negra tiniebla hundida,
Seco arenal es mi vida
Donde todo ha muerto ya.
Acaso entre inquietas sombras
Giran con rumbo perene,
Vago un recuerdo que viene
Y una esperanza que va.

Tan jóven y sufrir tanto!
Y haber gozado tan poco!
Tan jóven y como un loco
Con imposibles soñar.
Veinte y tres años de vida
Y ni una ilusion amante
Que temple el ardor gigante
De mi horrible delirar!

Cielos, por demas impía
Fué conmigo la fortuna,
Lanzado desde la cuna
De mis ensueños en pos.
Ni conocí mas amigos
Que los ayes de mi alma,
Ni he conquistado otra palma
Que la palma del dolor.

Y asi venieron mis años,
Y así mis años pasaron,
Y así en el pecho gravaron
Tan negro cuadro de hiel;
Que si alguna vez la risa
En mis labios se divierte,
Es por que entonces la muerte
Asoma á mis labios fiel.

Por eso temo al cumplirse
Un año nuevo en mi vida,
Por que renueva la herida
De mi amargura sin fin.
Por eso en vértigo horrible
Busco los goces del mundo,
Y aduermo el *gemir* profundo
Al estruendo del festin.

Y de una belleza impura
Respiro el aliento impuro,
Y embriagado y torpe, juro
Amar siempre... con pasion!
Y á cada beso que imprimo
En su escaldado semblante,
Muere una ilusion amante,
Se me seca el corazon!

Pasad, perdidos emblemas
De otra vida mal soñada,
No quiero saber ya nada,
Quiero estúpido vivir.
La ansiedad es un infierno,
Que al desierto nos arroja;
Y allí el huracan deshoja
Las flores del porvenir!

. . . . . .
. . . . . .
No ves como te tengo en la memoria,
Año, fantasma, vértigo, ilusion?
Ay! no levantes la dormida historia
Del fondo de mi pobre corazon!

Agosto 25.

CANTOS ORIENTALES.

I

EL RAMO DE FLORES.

Ayer, Zoraida, corriendo
Por los campos de Sevilla,
Del rio en la fresca orilla,
Estas flores fuí cogiendo.

Con ellas te traigo un lirio —
Nunca vi mas linda flor —
Emblema de mi delirio. . .
Lo quieres, Zoraida?
— No.

No? Pues sepa tu desden
Que no hay flor de mejor tallo
En el jardin del serrallo
Ni tampoco en el Eden.

Mas si eres tan rigorosa
Con esa cuitada flor,
Aquí te traigo una rosa. . .
La quieres, Zoraida?
— No.

No? Pues lo siento por ti,
Una flor de cuyo aroma
Encantos el aura toma,
Tú la desprecias asi?

Eres, por Dios, bien cruel;
Y aunque pese á tu rigor
Ha de gustarte un clavel. . .
Lo quieres, Zoraida?
— No.

No? cuando son tu delicia
Las flores, y tu enbeleso,
No te merecen un beso,
Ni tampoco una caricia?

Ya comprendo; de la pena
Que pueda causarte Amor,
Te alibiará esta azucena....
La quieres, Zoraida?
—No.

Si en esa envidiable calma
Vives, Dios te haga feliz—
Solo hay flores en mi alma....
Las quieres, Zoraida?
—Si!!

II

GUERRA !

Oid ! — Yo siento retemblar la tierra . . . .
El ronco estrendo de su paso oid !
Hijos del sol, volcanes de la guerra,
Tigres sedientos, á luchar venid !

Ese murmullo que zumbó en el viento,
Todo ese polvo que al cenit llegó,
Ese pesado inmenso movimiento
Y esa algazara — que hasta aqui atronó . . . ,

Son las señales del combate cierto....
Cristo y Mahoma frente á frente van;
Abrios, madrigueras del disierto....
Ya de la guerra rimbombó el volcan!

Hunda su cetro al paso de Mahoma
Esa ímpia raza de bastarda grey;
Era su escudo la impotente Roma,
Mas hizo Roma del capricho ley.

Roto el imperio, profanado el solio,
El Godo rudo fabricó un dosel
Con las ruinas del noble capitolio
Al trote vencedor de su corcel.

Hoy esa raza se acogió al abrigo
Del rey que habita la imperial Ciudad,
Y en sus festines sucumbió Rodrigo;
Y Toledo pagó su liviandad.

Venid, guerreros! — La soberbia tropa
De esas naciones sin valor está....
Veis? — esa tierra es la espantada Europa,
Pueblo impotente afeminado ya!

III

LA VERBENA.

No quiero, Tarfe, escucharte
Que harto he sufrido por ello;
Pues tus palabras fingidas
Todas se las lleva el viento.

Otras veces, como ahora,
Mil juras de amor has hecho,
Y ni creo en tu palabras
Ni creo en tus juramentos.

Vé á cortejar otras damas
Con tus miradas de fuego,
Con tus risas mentirosas,
Con tus fingidos obsequios.

Corre cañas y sortijas,
Quiebra lanzas en torneos,
Y ólvidame como yo
Tan olvidado te tengo;

Porque se que tus palabras
Todas se las lleva el viento.—
Déjame que me divierta
Come tú, Farfe, lo has hecho

Cuando yo de ti prendada
No tenia otro consuelo,
Que adorar de tus amores
El engañoso recuerdo.

Si yo voy á la verbena
Cuenitas que darte no tengo,
Por que cuentas ajustaron
La falsedad y el desprecio.

Alda me enseñó una cinta
Que tú llevabas al pecho,
Cinta que yo te entregué
De Andújar en el torneo.

Zelinda tiene aquel lazo
Que mis manos te pusieron,
El dia que derrotaste
Las falanges de Toledo.

Y pues que ya te conozco
Sabe ya que no te creo;
Ves á buscar otras damas
Que yo sin tí me divierto ....

Y Alá te guarde, galan
Tan gallardo y tan apuesto,
Que es pena que tus palabras
Todas se las lleve el viento.

IV

EL CALIFA.

Mi corona, mi reino y mi tesoro,
Con mis palacios de damasco y oro,
Todos son para ti.

Olvido mis harenes y mis damas:
Dime una vez tan solo que me amas,
Y reinas junto á mi.

Eres tú el esplendor de la alborada,
De la tarde la brisa perfumada
Y el lánguido arrebol.

Eres el eco que repite el canto
De la mujer á quien amamos tanto,
Eres del Asia el sol.

Eres la rosa que á mi olfato llega
Vertiendo amores, y que á mí se entrega
Vendiendo su pasion.

Ven á mi, seno, ven, flor adorada,
Que en la lumbre de tu árabe mirada
Me quemo el corazon.

Esclava vienes y serás sultana...
Mandarás en mi gente musulmana,
Tu gusto será ley.

El cetro de Bagdad, siempre temido,
Conducirás, y temblará en su nido
Esa cristiana grey.

Mi diadema, mi reino y mi tesoro,
Con mis palacios de damasco y oro,
Todos son para tí.

Desprecio mis harenes y mis damas;
Dime una vez tan solo que me amas,
Y reinas junto á mi!

V

BASTA!

Así dijo Tarif: — « Seguid, guerreros,
Atrás quedó, con su borrasca, el mar.
Preparad al combate los aceros —
Mas allá! »

« Brotan allí montones de soldados,
El Guadalete traspasaron ya.....
¡Al combate, leones esforzados! —
Mas allá! »

«Vencimos! Ruje en su impotente encono
El godo esclavo sin creencias ya...
Seguid, que el rey abandonó su trono —
Mas allá!»

«Nuestros son sus castillos y pendones,
Toda esa Europa sin defensa está.
No siempre Italia brotará Scipiones —
Mas allá!»

«Guerreros, ved! — de la venganza el rayo
Todo ese imperio dominando va —»
Y en voz de trueno les gritó Pelayo: —
«Basta ya!»

VI

SERENATA.

Yo, como siempre, Galiana,
Apenas el sol se aleja,
Vengo á cantar en la reja
De tu gótica ventana.

Y en sonoro
Movimiento
Dice el viento:
—Yo te adoro.

Puso Alá en mi corazon
El amor junto al denuedo,
Y en mi alfanje de Toledo
De mis hechos la razon.

En sonoro, etc.

Como siempre he de vivir
Pues siempre soldado he sido;
Otra cosa no he aprendido
Sino á amarte y á reñir.

En sonoro, etc.

No hay princesa tan gentil
En Córdova ni en Medina,
Ni hermosura tan divina
En el haren de Boadil.

En sonoro, etc.

Y se rinden á porfía,
Viendo tu belleza rara,
La palmera de Sahara,
La rosa de Alejandría.

En sonoro, etc.

Por eso te amo, Galiana,
Por eso si el sol se aleja,
Vengo á cantar en la reja
De tu gótica ventana.

En sonoro, etc.

Lánzame ya de tus ojos
Los rayos de tus amores,
Que vienen inspiradores
Á disipar mis enojos.

En sonoro, etc.

Triste la luna fulgura
Sobre tu pálida frente,
En donde mi alma ardiente
Vé la luz de su ventura.

En sonoro, etc.

Díme... — mas no digas, no,
Guarda silencio, por qué
Celos del aire tendré
Si es que el aire te escuchó.

En sonoro, etc.

En el silencio sagrado
De nuestro amor reverente,
Solo el latido se siente
Del corazon inspirado.

En sonoro, etc.

Por eso te amo, Galiana,
Por eso en la noche oscura
Vengo á adorar tu hermosura
De hinojos en tu ventana.

Y en sonoro
Movimiento
Dice el viento:
— Yo te adoro.

VII

BOADIL.

Para siempre! — en la montaña,
En el valle, en los harenes,
En la Alhambra se escuchaba
Solo un eco — para siempre!

Sin cetro, sin patria y nombre,
Rey moro, dime: — qué sientes?..
Mudo estás, pero yo escucho
El eco de — para siempre!

Sombra de rey, qué te resta?
Fin de tu raza, no tienes
Alguna esperanza? — No...
No... Granada, para siempre!

Aquí.... recuerdos que matan,
Allá.... soledad que es muerte... —
Boadil, todo lo has perdido....
Adios! — Adios para siempre!

Vivirás vida sin gloria;
Nadie escuchará tus preces...
Y aun los ecos del desierto
Repetirán — para siempre!

Y tornas atras los ojos,
Llorando, y andar no puedes...
Ay¡! que Granada es tu alma....
Sin alma estás — para siempre!

Boadil, por ti en las batallas,
Luché, luché hasta la muerte —
Nos vencieron! Ay, Granada,
Adios! — Boadil, para siempre!

INDICE.

	Pag.
Prólogo del Editor	V
Dos palabras	XI
La bandera	1
El hijo del desierto. — Oriental	5
A una azucena	11
El canto de la madrugada	15
A Camões. — Oda	19
Siempre ella!	23
A la fuente de las lágrimas	25
En el albun de una niña	29
Ayer y hoy. — Elegia á Elisa	31
La última esperanza	35
Zulima la enamorada. — Leyenda	39
A Zamora	49
Adelante! atrás!	55
El Mar	61
Tu mirada	67
Union!	71
La Persiana	73
A mi amigo Lopes de Mendonça	77
Sin amor!	81
A la poetisa Carolina Coronado	85
Lisboa	87
Mis 23 años	91
CANTOS ORIENTALES.	
El ramo de flores	95
Guerra!	99
La verbena	101
El califa	105
Basta ya!	107
La serenata	109
Boadil	113

ERRATAS.

El público dispensará las muchas erratas que en este volúmen se han cometido, ya por que el autor no pudo estar siempre presente, ya tambien por que á los cagistas no les era fácil comprender un original de tan mala letra como la mia.—Haremos notar entre tanto aquellas que mas alteran el verso, en la forma ó en el pensamiento.

Pag.	*Líneas.*	*Dice.*	*Léase.*
31	1	como ángel	como un ángel
32	5	En piélago	Un piélago
42	penúltima	a esperanza	de esperanza.
49	7	busca	buscas
50	2	tras el	tras ese
56	9	No comprendeis	No comprendes tú
56	19	y tras	que tras
57	2	En mundo	Ese mundo
59	penúltima	siendo	siento
61	última	absorto	absorta
62	17	fiereza,	fiereza.
»	20	conquiste	conquistas.
»	21	arena	arena.
»	24	dejaron	dejaron...
63	10	ignosa	ignota
»	13	leva del	lleva de
»	17	te	Se
»	28	hinchada	hinchado
64	10	Donde quiere	Y donde quiera.
»	15	Tu	Su
65	5	alma	alma...!
82	12	paro	Pero
83	6	y mas	Mas

LIBRARY OF CONGRESS
0 029 561 792 5